

DOCÊNCIA MULTICULTURAL NA CRECHE: POTENCIAIS E DESAFIOS

Érika Loureiro de Carvalho ¹
Adriana do Carmo Corrêa Gonçalves ²

RESUMO

Este texto buscou refletir sobre a prática pedagógica de uma professora multiculturalmente orientada. Trata-se de uma reflexão sobre as narrativas e discursos que informam a prática docente multicultural no segmento creche, detectando desafios e potenciais desta ação. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, de caráter qualitativo, em uma Creche Municipal do Rio de Janeiro, com a observação da prática pedagógica cotidiana de uma professora. Os dados foram construídos pelos registros no diário de campo obtidos na observação participante e pela entrevista semiestruturada realizada com a docente. As reflexões foram realizadas à luz dos elementos que articulam o Multiculturalismo como um campo teórico e conceitual importante no reconhecimento das diferenças e no enfrentamento das desigualdades, reconhecendo suas contribuições para a prática pedagógica na primeira infância e valorizando a creche como espaço de cruzamento de culturas, de desafio a racismo e de função educativa. O texto apontou conclusivamente para a relevância do reconhecimento e respeito da diversidade dos educandos, assim como uma feição docente mais inclusiva, que considere as ações multiculturais concretas nas interações e brincadeiras. Apesar das creches estarem marcadas pelo estigma da prática assistencialista, este texto revela que é possível cuidar e educar na creche, em perspectivas sensibilizadas à diversidade cultural e ao desafio a preconceitos.

Palavras-chave: Creche, Multiculturalismo, Prática Pedagógica.

1. Introdução

As diferenças religiosas, étnicas e culturais ao longo da nossa história foram utilizadas como argumento para justificar a exclusão social. Reconhece-se a existência de relações de poder estruturais e estruturantes que posicionam determinados grupos como diferentes, inviabilizando oportunidades concretas de vida digna para todos e ressaltando que ainda precisamos aprender muito sobre diversidade, desigualdades e diferenças.

Em um país com um passado histórico de escravização tão presente como o Brasil, é importante reconhecer e valorizar práticas pedagógicas comprometidas com o multiculturalismo, visto que oferecem oportunidades para formar e desenvolver cidadãos a

¹ Mestre em Educação PPGE/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Membro do GEM/ Grupo de Estudos Multiculturais, erikaloureiro@hotmail.com;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ/FEBF, professora de educação infantil na prefeitura do Rio de Janeiro, dendrikagoncalves@gmail.com

partir de um referencial que valoriza culturas, identidades e diferenças. (IVENICKI, 2018, 2020).

As discussões sobre multiculturalismo no campo político, cultural e, sobretudo, educacional, são abordadas com base em estudos que o reconhecem como um campo teórico e conceitual complexo importante no reconhecimento das diferenças e no enfrentamento das desigualdades; como uma ferramenta para as práticas pedagógicas e para as relações sociais comprometidas com a luta contra a desvalorização do outro, promovendo a alteridade e a valorização das culturas (IVENICKI, 2018, 2020; CANDAU, 2008)

Assim, o multiculturalismo atua na construção de processos educativos culturalmente referenciados, investindo na valorização das diferenças, sejam elas étnicas, sociais, linguísticas ou ligadas às tradições culturais. E esse texto aborda de que forma ele pode ser contemplado nas propostas pedagógicas da primeira infância e que elementos potencializam e/ou desafiam a prática docente multicultural na creche.

A relevância destas questões está pautada principalmente na importância desta etapa inicial da formação humana, realizada na creche, onde há os primeiros contatos com a escola e as crianças começam a se apropriar de conceitos, noções de mundo e de conhecimentos. Desta forma, analisar a formação e a prática de uma professora com comprometimento multicultural neste segmento pode contribuir para relações mais inclusivas, que reconheçam a diversidade identitária, cultural e as singularidades.

2. Perspectiva Metodológica

A metodologia indica o caminho mais adequado para que a investigação se desenvolva e assegure validade, credibilidade e fidedignidade para as análises elaboradas durante o processo. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob o parecer consubstanciado nº 4.536.050, de 11 de fevereiro de 2021

No percurso desta pesquisa, ancoramo-nos nas contribuições da abordagem qualitativa, que considera o pesquisador como um dos sujeitos em inter-relação com o estudo, auxiliando na geração e análise dos dados. Segundo Ivenicki e Canen (2016), essa proposta oferece possibilidades de aprimorar os olhares e as interações com os sujeitos colaboradores e construtores da pesquisa:

Na abordagem qualitativa algumas dimensões são privilegiadas, dentre as quais salienta-se: a) a interação do pesquisador com os sujeitos envolvidos na

investigação, aproximação esta que o torna principal instrumento na coleta das informações; b) as possibilidades técnicas de coleta de dados; e c) a dinâmica individual e institucional que caracteriza a relação estabelecida entre pesquisados e sujeitos participantes da pesquisa (FONTES, 2014, p.41)

A metodologia percorreu o caminho do estudo de caso, de caráter qualitativo, pautando-se nas técnicas de registro dos dados, observação participante das interações e brincadeiras que atravessam a prática pedagógica cotidiana de uma professora em uma creche municipal do Rio de Janeiro, na entrevista semiestruturada e na análise documental dos textos que regem a educação infantil brasileira. Ao adentrar no campo de geração dos dados, consideramos que existe potência dentro de uma prática pedagógica multiculturalmente comprometida e valorizadora da creche enquanto espaço de cruzamento de culturas e de possibilidades de trabalho antirracista.

3. Pensando na creche: Uma visão histórica e da produção do conhecimento

Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas em creches não era comum no Brasil. Foi a partir da segunda metade do século XIX que essa situação começa a se modificar. E somente a partir dos anos 80 é que teve início no Brasil debates sobre a função da creche na sociedade, momento no qual a creche passa a ser pensada e reivindicada como um lugar de educação coletiva para as crianças, verificando-se, assim, a busca pela superação da visão do papel assistencialista com o qual sempre foi identificada.

Partindo do contexto social do início do século XX, quando as mulheres pobres passaram a compor uma mão de obra barata e necessária nas fábricas, houve a necessidade de criar espaços ou instituições que pudessem cuidar dos seus filhos, que inicialmente tinham um caráter assistencialista. Em um primeiro momento, a demanda era por um lugar que pudesse acolher e amparar filhos dos operários durante as longas jornadas de trabalho.

A urbanização e a industrialização foram intensificadas, modificando a estrutura familiar e aumentando as reivindicações por melhores condições de trabalho, que incluíam um lugar seguro para atender e guardar os filhos destas mães, que agora faziam parte do mercado de trabalho. Iniciava-se uma maior preocupação com o atendimento da criança, com um caráter assistencialista, filantrópico e higienista, exigindo ações que expressassem a atuação mais efetiva da administração pública - as instituições que cuidavam das crianças tinham um perfil preventivo, de recuperação das crianças pobres e doentes consideradas ameaças para a sociedade, ou seja, o foco não era a criança, mas sim a “limpeza social”.

Da segunda década de 1970 até 1980, houve uma enorme mobilização em prol da democratização do país e é um período de relevância para o cenário da educação infantil. Com essa abertura política, as camadas populares e diversos movimentos pressionaram o governo para ampliar o acesso à escola. Tais movimentos estão reconhecidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 2010, que salienta:

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirmou na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação (BRASIL, 2010, p.7)

Sendo assim, até 1988 a criança pequena não era considerada sujeito de direito; a conquista do status de cidadão da criança pequena é recente. Antes a criança estava em uma condição de infante, sem vez e sem voz, a criança não era percebida como construtora de cultura e produtiva, ocupava uma posição manipulável, com formação de acordo com o desejo dos adultos. Em 1988, a Legislação Constitucional do Brasil, amparada por documentos mundiais, mudou o status da criança, entretanto, muitas famílias ainda não sabem que criança é um sujeito de direitos e não entendem que a criança pode dialogar e conversar com seus educadores sobre as práticas pedagógicas. Posteriormente, a elaboração das DCNEI (BRASIL, 2010) foi fundamental, sendo norteadoras de princípios e orientações para os sistemas de ensino e construção de propostas pedagógicas para a educação infantil.

O direito à creche no Brasil foi uma conquista permeada de desafios, particularmente com relação ao lugar que as crianças bem pequenas ocupam nas instituições educacionais. Neste sentido, a creche é vista como lócus impregnado por um profundo processo de descobertas e aprofundamentos de conhecimentos que possibilitam vislumbrar saberes que colaboraram para o reconhecimento das especificidades da docência nesse espaço que, por sua vez, ganha cada vez mais centralidade no campo educacional e na formação docente (ARENARI e CORSINO, 2020)

Culturas e identidades infantis se materializam no cotidiano escolar, ou seja, sujeitos infantis entram em cena no contexto educacional desafiando práticas homogeneizadoras e manifestando suas culturas (CAMPOS et. al, 2011; KRAMER, 2000)

Neste sentido, trabalhos como os de Santos e Silva (2019) e Aquino e Cruz (2019) abordam questões sobre o pertencimento étnico-racial de crianças na creche. Oliveira e

Abramowicz (2010) e Gomes (2019) alertam para o silêncio culposos do racismo institucional na educação da primeira infância, que se torna responsável pela construção da imagem negativa que crianças negras fazem de si, reforçando o racismo da sociedade colonialista. Gonçalves (2019) destaca a centralidade da ação pedagógica que possa reconhecer que brincadeiras e interações na creche revelam que as crianças, embora em tenra idade, já carregam subjetivações em relação às questões étnico-raciais e se posiciona criticamente, de modo a promover ressignificações valorizadoras da pluralidade étnico-racial.

A partir do exposto, destaca-se a relevância de pesquisas que busquem analisar possibilidades docentes de trabalho na creche em perspectivas de valorização das identidades infantis plurais. E nesse sentido, buscamos analisar, a seguir, uma prática docente comprometida com as questões multiculturais, na creche.

4. Discursos e Práticas Pedagógicas: Compromisso Multicultural

Docência Multicultural na Creche: Potenciais e Desafios se ancoraram nas contribuições da abordagem qualitativa, que considera o pesquisador como um sujeito em inter-relação com o estudo, auxiliando na geração e análise dos dados. Utilizamos como um dos métodos de coleta de dados a entrevista individual e semiestruturada conforme explicitado na metodologia. Para preservar a identidade da entrevistada ela foi identificada como “A”.

A professora, sujeito principal da entrevista, atua em um espaço de educação infantil com uma perspectiva multicultural. É Doutora em Educação pela UFRJ, Mestra em Educação pela UFRJ e graduada em Pedagogia pela UFRJ. Atualmente é professora adjunta do departamento de formação de professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, professora de educação infantil na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, tutora à distância na disciplina de educação infantil pela Fundação CECIERJ-CEDERJ e docente da pós-graduação da Faculdade Integrada A Vez do Mestre.

Na análise da prática pedagógica multicultural no segmento creche, focalizamos: a) a narrativa da professora na entrevista, b) as informações obtidas pela observação de sua atuação no segmento creche, no ano de 2017, entre os meses de março a outubro.

As informações geradas na entrevista trouxeram, como primeira questão, a trajetória da formação docente da entrevistada:

Posso considerar que a minha trajetória de formação docente foi transformadora e libertadora, como se fosse um ritual de passagem. Eu não teria condições de ver o mundo de forma crítica e nem fazer intervenções se

não fosse essa formação docente. (Da entrevista realizada com a professora A em fevereiro 2021)

Nesta fala, podemos perceber a relevância da formação docente na constituição da prática pedagógica e da creche, como espaço relevante para esta formação (ARENARI e CORSINO, 2020). O discurso da professora nos remete a Freire (2005), quando ele nos fala sobre a consciência do inacabamento e da inconclusão do ser humano, afirmando que estamos sempre aprendendo uns com os outros, não importando se o outro é educador ou educando, ressaltando a importância de uma preparação docente mais inclusiva, que considere as ações concretas desse ensino e aprendizagem através das relações práticas dos educandos com suas realidades. A professora pauta sua prática no multiculturalismo, traz a importância do reconhecimento e respeito da diversidade dos educandos e nos revela que utiliza sua autonomia pedagógica para incorporar questões desafiadoras de racismo e valorizadoras da diversidade no seu trabalho na creche não somente em datas comemorativas, mas durante todo o ano, contando com a cumplicidade da direção escolar.

Uma ação citada na entrevista pela professora foi o ato de contar histórias. Ela as multiculturaliza; por exemplo: quando conta uma história das princesas da Disney, também narra a história de uma princesa africana, mostrando para as crianças que existem diversas possibilidades de princesas e que as da Disney não são as únicas. Essa ação contribui para reforçar identidades étnico-raciais (Candau, 2008; Ivenicki, 2018, 2020; Santos e Silva, 2019; Aquino e Cruz, 2019; Oliveira e Abramowicz, 2010; Gomes, 2019).

O discurso da professora também revela estratégia de ressignificação multicultural da legislação. Utilizando as leis a favor do multiculturalismo, busca embasamento nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), que asseguram o respeito à diversidade de gênero, religiosa, étnico-racial e a incorporação das identidades indígenas e afrodescendentes no trabalho pedagógico educacional infantil. Dessa forma, consegue explicar e conscientizar as famílias de que existe um dispositivo legal que dá à criança um lugar de sujeito de direitos, conscientização importante, pois a criança não está apartada de um contexto familiar: ela tem como referência a família, que precisa estar ciente do trabalho pedagógico desenvolvido na escola. Ela elabora um folder explicativo para ser distribuído na primeira reunião de pais - a escola na qual ela trabalha dá essa autonomia ao professor; permite que estes apresentem e falem sobre o trabalho que irão desenvolver no ano letivo, o que auxilia a professora em sua abordagem multicultural. Nesta perspectiva, este material é explicado e os

principais pontos descritos são trabalhados. Um deles é a questão da legalidade do trabalho docente desenvolvido por ela.

No folder eu explico para os responsáveis que eu posso ser uma professora ilegal e desenvolver uma prática pedagógica sem nenhum parâmetro teórico, legal e oficial ou eu posso ser uma professora legal, que atua dentro da legislação e que faça o que está escrito na legislação. Eu coloco para eles que como estamos formando crianças que estão em pleno desenvolvimento temos uma preocupação com caráter e personalidade. Que responsável, em uma reunião em grupo vai ter coragem de se posicionar dizendo “Não professora, seja fora da lei?”. Então uso esse recurso discursivo de construir argumentos, para que eles entendam que eu preciso ser legal (Da entrevista realizada com a professora A em fevereiro/2021)

Nas rodas de conversas promovidas pela professora A em sala de aula, pessoas e profissionais são convidados para que possam contar para as crianças suas experiências. Uma família indígena foi convidada. As crianças indígenas conversaram muito com os alunos da creche sobre suas brincadeiras prediletas. A professora também convidou docentes do INES (Instituto Nacional de Surdos), uma surda e uma intérprete, para conversarem com as crianças sobre a experiência de ser surda desde pequena. Essas atividades desenvolvidas pela professora se aproximam do que Candau (2012, p. 132) assinala: “busca-se conceber a escola com um “centro cultural” em que diferentes linguagens e expressões culturais são produzidas”. Acerca dessa ação didática que se constitui com e pela criança, há oportunidade de vivenciar a diversidade de forma potencial e crítica dentro do espaço educacional, privilegiando o seu jeito de olhar o mundo, estimulando a participação deles enquanto atores sociais e evidenciando as questões étnico-raciais associadas à infância.

Abordando as questões relacionadas à identidade de gênero na creche, nossa entrevistada revela que as crianças, em contato com discursos de gênero machistas e preconceituosos, acabam descartando o mundo colorido em prol de um “mundo bicolor” rosa e azul. Uma atividade por ela desenvolvida ilustra forma como tenta desafiar esta visão:

Um menino escolheu a cor rosa e o outro disse que ele era mulherzinha. Aí eu falei “Se pegar a cor rosa vira mulher?” Aí eu abro atinta rosa e passo uma pincelada de rosa em todo mundo. Depois pergunto para os meninos se eles viraram mulher, peço para eles irem ao banheiro e vir se viraram mulher. Eles dizem que não. Colocar a mão numa tinta rosa não faz ninguém virar mulher (...). (Da entrevista realizada com a professora A em fevereiro/2021)

Em um primeiro momento tal ação em sala de aula pode ocasionar um ligeiro estranhamento, entretanto trata-se de uma turma que construiu uma relação de afeto no cotidiano escolar e, durante a entrevista, ficou nítido que a professora, além da relação professora/aluno, estabelece uma intimidade com as crianças, pautada no amor, no respeito e na autonomia.

Pelo relato da professora, percebemos a utilização da sua prática multicultural no desafio aos preconceitos. Notamos que práticas pedagógicas multiculturais podem construir importantes oportunidades de desconstrução de estereótipos pois, aos poucos, as crianças vão dissociando e criando certo distanciamento destes preconceitos.

Uma forma de viver a prática multicultural é fazendo o que Paulo Freire nos coloca no livro *Pedagogia da Autonomia*; ele nos fala que a nossa prática precisa ser reverberada no discurso; que não há nada mais falacioso que o discurso de um jeito e a prática do outro. Uma coisa que eu venho sempre observando e me cobrando é que o meu movimento na relação cotidiana das interações e brincadeiras atende ao meu discurso; a minha prática é totalmente atrelada às teorias que me concebem como professora (Da entrevista realizada com a professora em fevereiro/2021)

Pensar o espaço da creche como socialmente construído exige a reflexão sobre crianças como sujeitos de direitos e que consideremos suas manifestações, expressões e seus pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias.

5. Considerações que não são finais

Este texto abordou a prática de uma professora multiculturalmente orientada, analisando as narrativas e discursos que informam a prática pedagógica no segmento creche, bem como os desafios e potenciais desta ação docente multicultural.

O multiculturalismo se insere na construção de processos educativos culturalmente referenciados, investindo na valorização das diferenças, sejam elas étnicas, sociais, linguísticas ou ligadas às tradições culturais, sugerindo que instituições escolares e seus professores reconheçam e valorizem conhecimentos e experiências dos alunos cujos padrões culturais não correspondem aos de domínio comum e propondo o reconhecimento de grupos que não se enquadram nos parâmetros determinados por uma concepção universalista de cultura.

Na observação da prática docente encontramos, nesse espaço/lugar/creche, a contemplação da dupla função de atendimento à criança, o cuidar e o educar, e, mais que isso, o respeito às crianças como sujeitos de direitos. Para a professora, o maior desafio da docência multicultural está em pensar, cotidianamente, em como reverter a subalternização, o racismo, a

discriminação do negro e o preconceito contra identidades de gênero, de orientação sexual e outras, minoritárias e marginalizadas, desde a educação infantil. Para isso, ela utiliza sua representatividade como professora negra e traz imagens, histórias e conteúdos de pessoas negras que fizeram suas próprias histórias de sucesso.

A docência na creche e a perspectiva multicultural docente revelaram que uma experiência bem sucedida de aprendizagem que apoia as crianças na construção de suas identidades plurais possibilita a busca de suas próprias perguntas e respostas sobre o mundo, construindo atitudes de respeito e solidariedade.

A contribuição desse trabalho está no anúncio de possibilidades de ação existentes no campo educacional que, nesta pesquisa, foram viabilizadas pelo trabalho multicultural no segmento creche. Para isso, contribuem para estas ações a formação inicial docente e a identidade institucional escola, que apoia o trabalho realizado pela professora.

Estas considerações não se pretendem finais. Entretanto, consideramos que o multiculturalismo nas propostas pedagógicas na primeira infância pode contribuir para uma educação mais justa, democrática, inclusiva e desafiadora de preconceitos, rumo a uma sociedade democrática e plural.

Referências

AQUINO, P. N. O.; CRUZ, S. H. V. A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas. 2019. GT 07 - **Anais da 39ª Reunião Científica da ANPEd**. Rio de Janeiro. Outubro de 2019.

ARENARI, Rachel e CORSINO, Patricia. Docência na creche: entre simplicidade e sofisticação sutil. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6, N.2- pág. 489-511 maio-agosto de 2020: “Bebês e crianças: cultura, linguagem e políticas”.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2010

CAMPOS, M. M.; BHERING, E. B.; ESPÓSITO, Y.; GIMENES, N.; ABUCHAIM, B.; VALLE, R.; UNBEHAUM, S. A Contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.1, jan.

CANDAU, V. M. F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 45-56, 20.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOMES, N. L. Raça e Educação Infantil: à procura de justiça. **Revista E-curriculum** (PUC-SP), v. 17, p. 1015-1044, 2019.

GONÇALVES, A. do C. C. Tia, quero ser negro: diferenças étnico-raciais na creche. 2019. GT07 - **Anais da 39ª Reunião Científica da Apênd**. Rio de Janeiro. Outubro de 2019.

IVENICKI, Ana. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.26, n.100, p.1151-1167, jul./set. 2018.

IVENICKI, A. Perspectivas Multiculturais para o Currículo de Formação Docente Antirracista. *Revista ABPN*, v. 12, p. 30-45, 2020.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. Anais do Seminário Internacional da OMEP. **Infância e educação infantil: reflexões para o início do século**. Rio de Janeiro: Ravil, jul. 2000. p. 34-53.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, Raça e “Paparicação”. **Educação e Revista**. Belo Horizonte. Vol.26. No 2, p. 209-226/ago.2010.

SANTOS, Sandro Vinícius Sales dos; SILVA, Isabel de Oliveira e. Educação Infantil, Infância e Gênero nas reuniões da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. GT07 - **Anais da 39ª Reunião Científica da ANPEd**. Rio de Janeiro. Outubro de 2019.